



9º Domingo depois de Pentecostes (17.07.05) Próprio 11

1ª leitura - Sabedoria 12:13,16-19

A literatura sapiencial é rica em diversidade. O livro dos Provérbios adota uma visão otimista da sabedoria e faz a aplicação cuidadosa da tradição às situações particulares. Já o Eclesiastes e Jó questionam a teologia implícita na sabedoria tradicional. Há pessoas que não agüentam a leitura de Eclesiastes. O livro da Sabedoria tem Salomão como modelo de sábio. Na literatura sapiencial, sabedoria é dom de Deus e também, tarefa humana. E Deus trabalha por dentro da Criação, em contraste com os profetas que destacam a intervenção divina a partir de fora.

O capítulo selecionado é parte do comentário judaico da ação da sabedoria de Deus em figuras destacadas do Antigo Testamento. O v. 13 se refere ao modo como Deus agiu diante da injusta acusação e condenação de José. Desse sofrimento, Deus fez algo surpreendente a serviço de uma causa maior. Os vs 16-19 referem-se à reflexão e comentário sobre a ação de Deus em relação a Faraó. Dois aspectos do propósito de Deus estão destacados. Deus mostra o seu poder aos insolentes e, por outro lado, deseja a conversão deles. Para tanto, Ele domina sua própria força. Ele pode exercer o seu poder quando quiser. (*Dom Sumio Takatsu*)

Epístola - Romanos 8:18-25

Hoje em dia fala-se muito em "salvação integral", e destaca-se a integralidade da missão da Igreja. Este é, aliás, um dos pontos da concepção anglicana de missão: a preservação da criação com vistas à sua renovação futura. O evangelho não é uma proclamação intimista que atinge apenas "almas" ou "corações", afastando-os das preocupações para com a natureza. A compreensão bíblica em relação à "queda" não acentua apenas a "queda humana" no pecado, mas um evento cósmico que atinge toda natureza. É bom lembrar que, na narrativa de Gênesis, o mundo bom criado por Deus passa a produzir "cardos e abrolhos", "ervas daninhas", após a queda. De fato, a natureza também tem seu aspecto trágico evidenciado nos terremotos, maremotos e outras catástrofes ambientais.

Por isso Paulo enfatiza que a redenção não se realizará sem a redenção da natureza. O ser humano está intimamente relacionado à natureza e, em certo sentido (biológico) é, também, natureza. Por isso não apenas o ser humano sofre, mas a natureza também sofre sua própria deterioração e, mais ainda, a deterioração infringida a ela pelo avanço da tecnologia.

Toda a criação aguarda a manifestação plena e gloriosa da redenção efetuada por Cristo. O alvo dessa plenitude da libertação é que Deus seja tudo em todos, noção estendida também em Apocalipse.



A mensagem de Paulo enfatiza a esperança. Se em nossa vida cristã perdemos a esperança, isso é sinal de que algo de muito errado anda acontecendo na nossa compreensão do Espírito. A esperança é o emblema que distingue a vida cristã. Por isso, a atuação do Espírito em nós gera perseverança. Paciência, perseverança e constância são no Novo Testamento quase sinônimos, fazem parte do fruto do Espírito e estão associadas com a oração, (Ef 6:18; Gl 5:22). Paulo frisa corretamente que não se vê o que se espera. Mas ainda assim, esperamos, pacientemente, com perseverança e constância a manifestação plena de Deus. (*Rev. Carlos Eduardo B. Calvani*)

Santo Evangelho - Mateus 13.24-30, 36-43

No domingo passado, o texto do Evangelho nos trouxe a parábola do Semeador fazendo-nos meditar nos vários tipos de solo sobre os quais é lançada a semente do Evangelho. A parábola afirmava que a boa semente frutifica num bom solo. Mas a parábola de hoje nos revela uma ambigüidade: afirma que no mesmo solo onde cresce a boa semente, também cresce o joio, a erva daninha, a "tiririca", como se diz no interior.

A constatação de que há joio crescendo em meio ao trigo, causa espanto e indignação nos lavradores que logo se prontificam a arrancar o joio ("queres que arranquemos?"). A resposta do dono do campo revela sabedoria, paciência e prudência. Ele afirma que é melhor esperar o tempo certo, porque corre-se o risco de, juntamente com o joio, extirpar também o trigo no qual o joio se mistura. A semelhança com a 2ª leitura litúrgica (Romanos 8) encontra-se na consideração da imprevisibilidade da natureza. A natureza criada de forma boa, também está cativa e espera sua libertação. Por isso nasce "joio" em meio ao trigo.

Daí a necessidade de se "viver sob o Espírito" para compreender a lei da ambigüidade. Na vida humana o bem e o mal convivem muito intimamente, a ponto de se misturarem. Em todas as nossas realizações há trigo e joio, mesmo naquelas em que mais nos aplicamos para fazermos o melhor. Há trigo e joio na vida familiar, na educação dos filhos, na vida da igreja e na própria vida espiritual. Em todas essas áreas cultivamos muitas coisas boas e várias vezes acertamos. Mas sempre erramos em algo e o joio invariavelmente cresce em meio ao trigo que tentamos cultivar.

A parábola também alerta para o risco da obsessão pela pureza e perfeição. Sempre que identificamos joio em alguém ou na vida da Igreja, estamos logo prontos a arrancá-lo. Mas há um tempo certo para todas as coisas, como afirma o Eclesiastes ("tempo para plantar e tempo para arrancar o que se plantou"). Por isso não devemos nos angustiar demais com as coisas ruins da vida, tampouco com os erros que há na igreja ou na vida das pessoas com quem convivemos ou mesmo com nossas próprias imperfeições. As duas primeiras leituras afirmam que é preciso esperar o tempo certo. O texto de Sabedoria fala muito em moderação e paciência, enquanto a epístola aos Romanos fala em expectativa pela redenção escatológica em meio ao sofrimento.



Finalmente, a parábola nos lembra algo muito importante: o julgamento não compete a nós. Se Deus aplicasse a nós o mesmo rigor que exigimos dos outros, haveria mais joio do que trigo na Igreja, pois há muito joio acumulado em nossa vida. É preciso compreender que a seara é dele e a ele compete o julgamento no tempo certo. (*Rev. Carlos Eduardo B. Calvani*).